



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENIGMAS DO FEMININO: PODER E SEDUÇÃO EM *SOUTHERN COMFORTS*

Rafael Venâncio; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – venancio92@live.com

RESUMO: Nos flancos da literatura contemporânea, irrompem representações que reverberam múltiplas faces do feminino, desde imagens ingênuas e pueris a retratos humanos marcados pela ardisidade, cujos corpos engendram as mais simples e excessivas performances, em prol de obter aquilo que ambicionam. Este é o caso da personagem Roxanne Scarbrough, do romance *Southern Comforts*, escrito pela canadense Joann Ross. Deparamo-nos com uma protagonista, de feições anti-heróicas, que mobiliza seu corpo como objeto de sedução, com o qual usurpa do masculino prestígio e ascensão social. Todavia, esse comportamento, eticamente ambíguo, torna-a uma transgressora, quando não se submete, em dadas dimensões da narrativa, aos protocolos do patriarcado. Além disso, tal personagem objetifica os homens a sua volta, a fim de que deles retirem o que, por meios outros, não conseguiria, levando-os, em seu nome, a transgredirem as leis civilizatórias da sociedade. Nossa pesquisa, numa interlocução entre os estudos psicanalíticos de base freudiana e as teorizações sócio-filosóficas de BATAILLE (1987), pretende analisar, na narrativa em foco, a ambivalência que recai sobre a personagem principal, dotando-a, ao mesmo tempo, de vícios e prerrogativas. Estamos diante de uma heroína às avessas, cujos desejos transgridem a norma e põe, em xeque, as fronteiras da moralidade.

Palavras-chave: Literatura – Psicanálise – Desejo.

1. Introdução:

Southern Comforts é um romance norte americano, escrito pela canadense Joann Ross, no ano de 1996. O tema do livro é a ascensão social e a sensualidade de uma celebridade sulista, possuidora de segredos que envolvem todos ao seu redor. A trama se inicia um pouco antes da escritora Chelsea Cassidy, uma das personagens de relevância para história, conhecer Roxanne, nos bastidores do programa *Bom dia, América*, isto é, num prólogo que antecede as primeiras linhas do primeiro capítulo, a partir do qual, Chelsea e o herói Cash Beaudine aparecem. Após os acontecimentos narrados neste pequeno prelúdio, passam-se sete anos, a história é situada, especificamente, em março de 1996, ambientada na cidade de Nova York. A narrativa, em si, ainda não recomeça, porque há uma matéria fictícia da revista *Adweek*, anunciando, com o título *O Poder por Trás do Rosto Bonito* a sociedade milionária de Roxanne com as franquias de loja Mega-Mart. Chelsea percebe que Roxanne é altamente desagradável e faz questão de mostrar-se como tal a todos os presentes, com a evidente



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

finalidade de obter respeito, por meio do medo, que suas atitudes temperamentais, incutem nas pessoas.

Roxanne exerce o trabalho de decoradora da domesticidade, tão hábil é no que faz que publicou diversos livros de dicas e instruções de como os leitores aderirem ao estilo Scarbrouhgh, seu sucesso é tanto que a faz ser considerada como a *Diva do Lar* pelos seus inúmeros fãs. Nada é tão paradoxal quanto este fato: ao mesmo tempo em que usurpa do masculino o poder que lhe foi outorgado desde tempos antigos, Roxanne, por outro lado, obtém seu sucesso a partir da imagem de modelo vitoriano (período que perdurou durante o reinado da Rainha Vitória na Inglaterra do séc. XIX ao início do XX) que vende as pessoas, firmando-se como uma musa inspiradora para elas. Neste sentido, vale citar a historiadora Gonçalves que nos explica a ideia central deste período:

A época vitoriana foi um período de valorização da família, quando se consolidam as regras de intimidade, momento de invenção do "self ['eu']", do indivíduo egoísta refratário a um mundo gregário e coletivista', típico da fase de ascensão da burguesia. [...] Sistematizado em um sem numero de manuais e códigos, o mínimo que se esperava do comportamento das mulheres era que elas se constituíssem em verdadeiros 'dragões da virtude' (GONÇALVES, 2006, p.40-41).

Exatamente aquilo que Roxanne se constituiu para os outros: um modelo feminino que, aparentemente, se contenta com a vida doméstica, ou seja, ela não só vende a imagem da mulher ideal e, portanto, perfeita, também se aproveita dessa imagem para ser uma voz importante entre as iguais, sem, é claro, se utilizar do discurso feminista, pois, aparentemente, ela nada reivindica para seu gênero.

Não se pretende, neste artigo, prender-se às questões sobre a luta do gênero feminino, muito menos fazer um percurso diacrônico, mas somente citá-lo, quando se fizer necessário para o entendimento. Objetiva-se analisar, pela ótica psicanalítica de base freudiana ou, nas palavras do teórico Bellemin-Noel (1978, p.18), aplicar à psicanálise, bem como, as teorizações sócio-filosóficas de Bataille, a figura da personagem Roxanne Scarbrouhgh, pois na literatura contemporânea surgem alguns personagens femininos que põem em xeque a



noção da moral, estabelecida pela sociedade ocidental, ou seja, eles, com atos resolutos, transgridem os interditos fixados na civilização pela lei e a religião, despindo-se da roupagem de heróis bonzinhos e passando a manipular o outro com todas as armas que tenham a disposição, caso de Roxanne, em análise, que mobiliza o corpo para extrair e usurpar do masculino prestígio, poder e riqueza.

2. O masculino usurpado: Cash Beaudine, o arquiteto ideal

Cash é um arquiteto bem sucedido, contratado por Roxanne com a proposta de restauração arquitetural da antiga mansão adquirida, Belle Terre. O rapaz suspeita que, não só pelo seu trabalho, mas também por interesse sexual, Roxanne insistiu que trabalhasse para ela. Mesmo sendo um sedutor nato e amante excepcional, nem por dinheiro ou prestígio, estava a fim de estimular as fantasias sexuais de Roxanne, mas supôs que ela não era mulher que recebia e, muito menos, aceitava um não. O arquiteto estava certo em sua suposição, pois Roxanne não cogitava a possibilidade de, absolutamente, ninguém rejeitar sua proposta, especialmente homens, porque tinha consciência do poder de sedução que possuía sobre o sexo masculino, aliás, por toda a trama, percebemos que ela usa este poder para obter os favores desejados, que nada mais é do que o erotismo do corpo que, na concepção de Bataille (1987, p.15), “[...] tem de qualquer maneira algo de pesado, de sinistro. Ele guarda a descontinuidade individual, e isto é sempre um pouco no sentido de um egoísmo cínico”. O filósofo elucida que esta descontinuidade se refere à insatisfação do ser humano de ser incompleto, tal sentimento, é a chave do erotismo, cuja busca psicológica não está ligada à reprodução, mas somente ao prazer egoísta, mesclado ao cinismo do sujeito. Em outras palavras, o outro se torna um meio para suprir a própria insatisfação.

Baseados nesse dado, entende-se o porquê, com alguma relutância o rapaz aceitar o emprego: Cash não está acostumado a ser um meio ou objeto de prazer de uma mulher, na verdade, ele é quem escolhia e objetava as damas com quem se relacionava, mesmo aquelas que eram suas patroas: as seduzia, decidia quando levá-las para a cama. Roxanne, por sua vez,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

se mostrava o completo oposto, pois, não havia um homem, aparentemente, que fosse o motivo para o seu sucesso, bem como ela era centrada nas próprias ambições:

Ela não era definitivamente uma dama acostumada a ouvir um ‘não’. Cash conhecera mulheres muito parecidas com Roxanne Scarbrough em San Francisco, mas a maioria era de socialites, casadas com **homens ricos e normalmente muito mais velhos** [grifo nosso]. (1996, p.22).

A autora Ehrhardt (1994) permeia a trajetória da mulher na sociedade ao considerar o quanto a família exige dela que procure um homem que a sustente e a faça ter um papel significativo no meio social, aliás, função de, não só serem esposas, como devem tornarem-se mães.

Infelizmente, ainda hoje, laçar um homem é o tema central na vida de uma mulher [...] Ela prova a sua competência, unindo a si a um homem bem-sucedido. O título ‘esposa’, parece ser o único ao qual as mulheres dão importância. Elas cedem até o seu nome, apesar do direito relativo aos nomes oferecer outras possibilidades¹. (p. 33-34).

De fato, este feminino na presente análise, que se confronta com uma sociedade patriarcal, estranhamente, para sobreviver ou viver nela, transita entre a suposta submissão ao masculino, ao mesmo tempo em que extrai dele o poder para se constituir socialmente. Não a vemos casada ou afetivamente relacionada com nenhuma pessoa, bem como, não há na sua vida figuras parentais. Ehrhardt (1994) acredita que a família cobra das mulheres que conquistem um homem a fim de se casar e ter um lugar significativo na sociedade, ao lado dele. Roxanne, aparentemente, segue esta imposição, contudo, na realidade, os seduz, enredando-os como uma aranha que tece sua teia para capturar a presa, e, quando os captura, embala-os e suga-lhes as forças vitais. Roxanne é uma transgressora, mas, não no sentido definível do termo, já que, conforme vimos, ela se mostra em conformidade com o regime da sociedade patriarcal: não protesta pelo fato de ser uma mulher e, em virtude disso, ser injustiçada, pelo contrário, paradoxalmente, ela é a *Diva* ou *Rainha do Lar*, lugar que as

¹Vale ressaltar que, segundo as leis alemãs, os maridos podem adotar os sobrenomes de suas esposas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

feministas sempre abominaram. Para entendermos o sentido do que a faz ser transgressora, citamos Bataille:

Muitas vezes a transgressão do interesse não está menos sujeita a regras que o interdito. [...] Desde que se cria um primeiro limite, pode-se deflagrar o impulso ilimitado à violência: as barreiras não são simplesmente abertas, pode ser até necessário, no momento da transgressão, afirmar a sua solidez. A preocupação com uma regra é às vezes maior na transgressão: pois é mais difícil limitar um tumulto uma vez começado (1987, p.43).

Roxanne não se faz transgressora de modo que possamos, utilizando senso comum, atribuir-lhe este papel, pois ela, consciente de como e do que fazer, camufla suas atitudes, assim como todo o seu passado, passando-se por uma mulher submissa ou referência de submissão. Não se pretende, neste artigo, fazer algum juízo de valor, algo, até mesmo, inviável do ponto de vista psicanalítico, somente pretendemos analisar a ambivalência da personagem em questão a partir dos pressupostos teóricos dos quais dispomos.

No capítulo dezesseis, Roxanne decide ir às vias de fato na sua tática de seduzir Cash: fazendo-o ficar até tarde da noite em sua casa, usa o corpo para atraí-lo neste momento:

Tranquilizada, ela relaxou a expressão, ergueu-se com graça preguiçosa e, como se cansada de um longo dia de trabalho, começou a esfregar o dorso. Cash suspeitou que o gesto, que fez seus seios cheios pressionarem-se contra a blusa de seda azul, tivesse sido feito para atrair sua atenção (Ibidem, p.126).

Diferentemente dos demais homens que a diva conseguiu conquistar, Cash se mostrava irredutível quanto a misturar negócios com prazer. Recebendo um beijo de surpresa, Cash deduziu que o jogo erótico da sedução era algo que Roxanne jogava frequentemente, e bem. Bataille (1987, p.85), ao considerar qual o objeto erótico que está na mente de todo o homem, afirma que nada mais é do que “a fusão, a supressão do limite. Em seu primeiro movimento, ele pode ser definido pela existência de um objeto do desejo”. Roxanne não se importa de ser o objeto erótico de Cash, tal qual uma prostituta se coloca a disposição do cliente, porque, bem como Cash desconfiou, ela já o era de outros homens, entretanto, ele



sabia, seria só mais um que ela usaria, mesmo que, aparentemente, se sujeitasse, então, tentando dispensá-la da melhor forma possível, garantiu que a achava sexy, mas havia questões éticas envolvidas, questões essas que ele nunca respeitou até reencontrar Chelsea, a mulher que amava.

3. Vernon Gibbons, o sócio adequado

Vernon é um velho de 60 anos de idade, apresentado no romance como um homem insatisfeito por ser considerado o terceiro homem mais rico do mundo, e que, de fato, gostaria mesmo era de ser o primeiro, meta que pretende conseguir antes de se aposentar, motivo pelo qual se associa a Roxanne, pois como dono da franquia de lojas Mega-Mart, onde pessoas de classe média podem comprar seus produtos a preços acessíveis, o estilo Scarbrouhgh também poderia ser adquirido pela massa. Ele se auto define como um homem que consegue tudo o quer, tanto que determinou a Roxanne que o sexo estava incluso no negócio, a *sulista do bom gosto* nem sequer protestara quando foi notificada, pelo contrário, a ideia a excitou: transar com o terceiro homem mais rico da América a estimulava. E, considerando que a aquisição seria lucrativa para seus negócios, Roxanne trabalhava em enredá-lo, na sua rede de sedução. O corpo, então, é utilizado de forma erótica para excitar e obter os objetivos desejados.

O anti-heroísmo de Roxanne torna-se ainda mais evidente nesta atitude: como uma prostituta, ela se torna objeto sexual de um homem rico para dele obter prestígio e poder, mas a mesma é esperta o suficiente para fazê-lo acreditar que é ele quem está no controle, desta forma, não só com o sexo em si, como também, a ideia de ter o domínio, faz do homem que seduz um degrau para a realização da ambição.

Bataille diz (1987, p.86):

Em princípio, um homem pode tanto ser o objeto do desejo de uma mulher, quanto uma mulher ser o objeto de desejo de um homem. Entretanto, o passo inicial da vida sexual é mais freqüentemente a procura de uma mulher por um homem. Se os homens têm a iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar-lhes o desejo. Seria injustificado dizer das mulheres que elas são mais belas, ou mesmo mais desejáveis que os homens. Mas, em sua atitude passiva, elas tentam obter, suscitando o desejo, a conjunção à qual os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homens chegam, perseguindo-as. Elas não são mais desejáveis, mas se propõem ao desejo.

Roxanne se difere de todas as heroínas que estão no imaginário popular brasileiro, isso porque, por se tratar de um romance norte-americano, inserido numa sociedade movida pelo capitalismo, pode-se afirmar que a conquista de uma posição social, numa sociedade evidentemente patriarcal, a faz perceber que a melhor forma de se extrair o que deseja, é manipular o masculino, envaidecido pela ideia de ter o poder do falo². Ela se faz um objeto, mas, na verdade, ela é quem objeta o homem porque, segundo Bataille esclarece “não há em cada mulher uma prostituta em potencial, mas a prostituição é a consequência da atitude feminina. Na medida de sua atração, uma mulher serve de alvo ao desejo dos homens”. Roxanne joga o jogo de sedução feminina com maestria, entretanto, a semelhança de uma profissional, ela se vende e, por causa disso, a faceta anti-heróica é manifestada nesta atitude inesperada, pondo em xeque toda e qualquer noção de moralidade que, via de regra, devia estar na protagonista. Na realidade, é viável que, utilizando Bataille, expliquemos que, não é o fato dela ser paga que a degrada, porque a prostituição, segundo Bataille, está ligada, supostamente, a extrema pobreza onde as mulheres se vituperavam, transgredindo os interditos socialmente estabelecidos, com o objetivo de sobreviver, semelhante aos animais que matam, por instinto, para sobreviverem. Roxanne é, na concepção do teórico, indiferente aos interditos: ela é rica, não necessita, por isso, sobreviver ou lutar para consegui-lo. Ela é uma prostituta de baixo nível, pois, baseado na perspectiva de moralidade ela, sabe dos interditos, mas os ignora, nem mesmo demonstra se importar, apesar de que “ela se sabe humana. Mesmo sem ter vergonha, ela pode ter consciência de viver como os porcos” (p.88).

Um pagamento podia entrar no ciclo das trocas cerimoniais sem acarretar o aviltamento próprio do comércio. [...] Como ela se torna estranha ao interdito, sem o qual nós não seríamos seres humanos, a baixa prostituta desce ao nível dos animais: ela suscita geralmente uma repugnância semelhante à que a maior parte das civilizações demonstra diante das porcas (1987, p.88).

²Não se entenda falo somente como o pênis em si, Freud, nos *Três Ensaios Sobre a Sexualidade* (1905, p. 116), nos dá uma noção mais abrangente ao considerar a liberdade libidinal que o homem teve, na sociedade vienense, em relação à mulher, aliás, de modo geral tal liberdade e poder autoritário estão presentes em toda sociedade patriarcal.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para que convença o homem de sua submissão, a entrega do corpo é a melhor forma, a mais concreta e verídica, pois, desta forma, a papista do bom gosto consegue o que almeja de seu sócio e amante.

4. George Waggoner, o passado esquecido

George, por sua vez, é apresentado, pela primeira vez no livro, num motel barato da Interestadual como um consumidor de filmes pornô, pobre, viciado em bebida e cigarro, eventualmente, clientes de prostitutas, o completo oposto da *Diva do Lar*, sua ligação com ela, entretanto, estava no passado. Enquanto procurava algo para se entreter nos canais da TV aberta, deparou-se com a imagem de Roxanne, e mesmo estando com ressaca, a reconheceu no programa *Bom Dia, América*, só que “ela mudara o cabelo. Suas roupas não eram tão baratas e seu sotaque era bem mais fluido do que ele se lembrava” (Ibidem, p. 16). Sorrindo, acreditou que tirou a sorte grande e, sem perda de tempo, compra um bloco de papel, assim como bebidas e um bilhete da loteria. No papel escreve as palavras: “Cara Cora Mae...”, bilhete que chega às mãos de Roxanne através de sua assistente. Ela, ao reconhecer a letra, ao contrário do que ocorria a uma dama, souou frio.

Das relações apresentadas até o momento, esta é a mais emblemática, na qual, aplicaremos a psicanálise de forma evidente uma vez que George faz parte do passado que Roxanne preferia esquecer definitivamente. O mistério é logo solucionado, desde o capítulo oito, se bem que a contar do primeiro, George deixa a dúvida no ar quanto a quem, de fato, seria Roxanne Scarbrouhgh. É impressionante descobrir que na realidade a verdadeira identidade da *papista sulista do bom gosto*, é Cora Mae Paget, uma simples integrante do Exército da Salvação que foi casada com George. Novamente, há a certeza da capacidade de Roxanneem manipular o sexo masculino, quando descobrimos que, na longa conversa que teve com ela, Roxanne lembrando-o de que, se dissesse alguma coisa sobre o passado dela a alguém, poderia ser preso pelo assassinato do padrasto dela, o homem que a estuprou quando tinha apenas 12 anos de idade. George sabia que ela estava certa, porém, conforme afirmou, caso isso ocorresse, a única prova que comprovava quem podia, dos dois, ter cometido o assassinato, era contra ela mesma: a carta escrita de próprio punho onde implorava ao marido



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que matasse Jubal, ou seja, ambos, além dos laços matrimônios, estavam ligados por um homicídio. Neste contexto, não só o prestígio foi obtido da figura do homem, como também a capacidade de ir contra as leis que regem as civilizações.

Pouco é revelado acerca do padrasto de Roxanne, tudo o que é conhecido, parte da ótica de George ou dela mesma, em ambos os pontos de vista, Jubal é visto como um bêbado, desprezível, que causava problemas na comunidade rural da Geórgia, de tal modo que nem mesmo a polícia se deu ao trabalho de procurar o assassino, de acordo com que Roxanne deixa evidente quando reflete sobre o assunto:

[...] Com o tempo, ela finalmente conseguiu se convencer de que saíra ilesa. Afinal, o xerife declarara a morte de seu padrasto um homicídio por pessoa desconhecida. Jubal Lott era muito abusado. E também um problema para a comunidade rural a 51 quilômetros de Atenas [...] Não havia tanto incentivo para a lei procurar pelo assassino de Lott (Ibidem, p.139).

Vingança contra aquele homem foi isso que moveu Roxanne a pedir o assassinato, mesmo depois de ter se casado aos 16 anos de idade, após tanto tempo ter se passado, no período em que trocou de identidade, o trauma ³era uma lembrança viva em sua mente:

O ruído de desligado [o celular] soou em seu ouvido, como um exame de abelhas zangadas. Seu rosto extraordinariamente aterrorizado refletido no espelho lembrou a Roxanne a última vez que tivera tanto medo. A noite em que Jubal morrera. E todos os anos antes daquele, quando ele voltava bêbado e invadia seu quarto, sua cama, seu corpo. (Ibidem, p.140).

Pouco se sabe de como essa relação com o padrasto de seu, mas é evidente que, devido ao trauma que o fato lhe causou, ela foi determinada por ele pelo resto da vida: todas as suas atitudes, conscientes ou inconscientes, a necessidade de usurpar do masculino todo o poder que tinha, era uma vingança contra o controle que o padrasto exerceu sobre seu corpo sem o seu consentimento.

³**Trauma:** acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. (LENPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*, p. 29).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Freud, em *Além do Princípio do Prazer*, articula a teoria das repetições a partir da qual o sujeito, inconscientemente, tende a repetir eventos desprazerosos vividos na infância de outras maneiras, através de processos transferenciais, ou seja, buscando substitutos:

O doente não pode lembrar-se de tudo o que nele está reprimido. [...] Ele é antes levado a repetir o reprimido como vivência atual. [...] Essa reprodução, que surge com uma fidelidade que não fora desejada, sempre tem por conteúdo algo da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e seus derivados, e invariavelmente se dá no âmbito da transferência [...] (1920, p.131).

Segundo o pai da psicanálise, a excitação que tais procedimentos provocam, estimulam o gozo. É evidente que Roxanne repete o desprazer do estupro quando se entrega a tantos homens, estes, possuidores de algum poder sobre ela. Seu desejo está em transgredir os interditos estabelecidos, pois, desta forma, sem que tenha consciência disso, revive, sintomaticamente, a lembrança daquele estupro.

Freud observa que *Tanatos*⁴, a pulsão de morte, opera em situações de repetição. A tendência a repetir o desprazer vai além do objetivo de sobrevivência, visto que é uma forma de se aniquilar a si mesmo. Percebemos o quanto, neste sentido, a pulsão de morte faz a *Diva do Lar* se tornar passiva na relação com o masculino, constituindo-se um masoquismo.⁵ Como exemplo disso, em um dado momento da narrativa, Roxanne revela que, quando adolescente, na escola, relacionou-se sexualmente com o seu educador: “Não foi ninguém importante, só um professor que me prometeu me dar uma nota em minha aula de história da arte se eu dormisse com ele.” (Ibidem, p.199). Mais uma vez, Roxanne, à época, Cora Mae Paget, usando seu corpo, obteve do sexo masculino os atributos necessários para a aprovação, mesmo sabendo das questões éticas que envolvem o relacionamento entre o professor e o aluno, não viu nenhum problema em transgredir esta regra para alcançar o que desejava. Conseguimos, por consequência, entender o porquê, na dimensão consciente dela, transar com

⁴Freud faz um significativo complemento para noção de pulsão de morte: “A isto se junta que somente àqueles podemos atribuir o caráter conservador, ou melhor, regressivo, do instinto, correspondente a uma compulsão de repetição. Pois, segundo nossa hipótese, os instintos do Eu procedem da animação da matéria inanimada e querem restaurar a condição inanimada.” (FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, p.154).

⁵**Masoquismo** é definido por Freud como “a volta do instinto contra o próprio Eu, seria então, na realidade, um retorno a uma fase anterior dele mesmo, uma regressão.” (FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, p.164).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Vernon era tão excitante: ele o terceiro homem mais rico da América, e, além disso, mais velho do que ela, tal qual, presumivelmente, o padrasto.

O sonho traumático, manifestado nestas atitudes repetidas de Roxanne, é o claro “retorno do recalcado”⁶, não nos referimos à lembrança de ter sido estuprada, esta, justamente por estar consciente, não o é, nos referimos, a fantasia ⁷ desenvolvida que se realizou: o desejo de ser a mulher da figura parental paterna, assumindo o lugar da mãe. É interessante notar que não há uma única menção a figura parental materna, apesar de ficar implícito que sua mãe casara-se, pelo menos, duas vezes. Roxanne, provavelmente, está recalçando a lembrança de que ela, no campo do inconsciente, seduziu o padrasto, utilizando o corpo que agora erotiza para obter os privilégios do masculino. Sua estrutura é, podemos supor, neurótica, mas com montagens perversas: ela recalca a culpa, e, ao mesmo tempo que rejeita e sente nojo da lembrança, procura revivê-la. Freud, ao considerar as resistências de pacientes que não querem reviver ou saber da verdade por trás de determinadas repetições, compreende que,

[...] a resistência do analisando vem de seu Eu, e logo percebemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente. [...] Sem dúvida, a resistência do Eu consciente e pré-consciente está a serviço do princípio do prazer, pois ele quer evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do reprimido [...] (1920, p.132).

Em outras palavras, o evento traumático, gerou uma defesa que produziu, por sua vez, todos os meios possíveis de resistência (p.141), recalçando a lembrança desta fantasia ela não se depara, por consequência, com a culpa propriamente dita que é, em si, desprazerosa. Entretanto, Freud explica:

É claro que a maior parte do que a compulsão de repetição faz reviver causa necessariamente desprazer ao Eu, pois traz à luz atividades de impulsos instintuais reprimidos, mas é um desprazer que já consideramos, que não contraria o princípio do prazer, é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro (1920, p.132).

⁶**Retorno do recalcado:** processo pelo qual os elementos recalçados, nunca aniquilados pelo recalque, tendem a reaparecer e conseguem fazê-lo de maneira deformada sob a forma de compromisso, como por exemplo, nos sintomas (LENPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.27).

⁷**Fantasia:** roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente (LENPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p 11).



Portanto, não há dúvidas que, no campo do inconsciente, a repetição de Roxanne é a forma de trazer de volta a experiência vivida no passado: onde ela seduziu o padrasto. De acordo com a narrativa, a *Diva do Lar* contava atualmente 50 anos de idade, e o tempo não mudou suas atitudes ou tendências de repetição, pois, não há uma temporalidade no campo inconsciente. “Isto significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que neles o tempo nada muda, que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada.”(FREUD, 1920, p.140).

O complexo de Édipo se realizou nas duas vertentes: primeiro ela conseguiu ser a mulher do padrasto e, a partir do momento em que tinha consciência suficiente para entender o quão errado era, pelos interditos da sociedade, essa relação, ordenou sua execução. Casar-se para fugir do controle, ou mesmo das constantes invasões, e George, não muito diferente de Jubal, também a fez temer o sexo masculino, pois ele também era dado ao vício da bebida, de modo que, quando bebia, batia na esposa.

5. Considerações finais

Procuramos, neste artigo, investigar à luz da psicanálise, de acordo com as indicações de Bellemin Noel, a ambivalência da personagem Roxanne Scarbrough em suas relações com o sexo masculino, do qual, conforme a problemática que colocamos, usurpa dinheiro e prestígio social. Para isso, examinamos os conceitos pertinentes do erotismo, interdito e transgressão, propostos por Bataille e consideramos algumas questões que envolvem a história do gênero feminino.

No primeiro momento, nos propusemos a entender de que forma a personagem em análise extrai dos homens o que necessita para alcançar o que almeja, e compreendemos, na relação com o arquiteto Cash, a utilização do corpo como um meio para convencer o rapaz a ceder aos seus anseios.

Já no segundo momento, evidenciamos as estratégias eróticas de Roxanne com o velho Vernon e, com base nos pressupostos teóricos de Bataille, afirmamos que a ação de Roxanne a assemelhava a uma profissional do sexo, algo que a despe, conforme cremos, de roupagens



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de uma heroína comum. Buscamos localizar como este feminino se colocava ante a sociedade patriarcal da qual fazia parte, o que entendemos como uma imagem dissimuladamente construída para ludibriar, não só o masculino, como também os fãs que compram os produtos dela.

No terceiro momento, aplicamos a psicanálise, em vista de que o passado da personagem era abordado na relação com o ex-marido George. Dedicamos essa parte, especificamente, na busca do desejo de Roxanne, ou seja, o que ela realmente deseja e que satisfação obtém nestas relações. Para chegarmos aos resultados esperados, manuseamos teses e conceitos freudianos acerca das teorias concernentes a pulsão de vida e de morte, com os quais, descobrimos a tendência da protagonista de repetir o evento traumático ocorrido na infância, por meio destes tratos substitutivos, construindo relações transferenciais. Os estupros constantes que sofreu na infância desenvolveram na *Diva do Lar* a necessidade de se objetar ao sexo masculino, e, simultaneamente, vingar-se do mesmo sugando-lhe todo o poder, socialmente estabelecido, que, no inconsciente, recalcada, está a lembrança de que ela seduziu o padrasto e usurpou o lugar da mãe (que nem mesmo é citada no romance) e, para se ver livre de qualquer culpa, ela implora ao marido George assassine de Jubal Lott, a figura parental paterna.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BELLEMIN-NOEL, J. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- EHRHARDT, Ute. **Meninas boazinhas vão para o céu**. As más vão à luta. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: **Obras completas – Volume 14**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria**. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos [1901-1905].
- GONÇALVES, Andréa L. **História e gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ROSS, Joan. **Southern comforts**. Toronto: Harlequin, 1996.